

DEP. LEG.

# HISTÓRIA DO SOLDADO RASO QUE ERA O PRÍNCIPE DOS POETAS

25000

L. 12897  $\frac{4}{V}$

N. 151980



COLEÇÃO PÁTRIA — LIVRO NÚMERO TRINTA E TRÊS

LISBOA ~ EDIÇÕES S. P. N. ~ 1942



*E X - L I B R I S*

COMPOSTO E IMPRESSO NAS GRANDES  
OFICINAS GRÁFICAS «MINERVA», DE  
GASPAR PINTO DE SOUSA, SUCRS., LTD.<sup>a</sup>  
VILA NOVA DE FAMALICÃO — 1942

## LIVRO TRINTA E TRÊS

### HISTÓRIA DO SOLDADO RASO QUE ERA PRÍNCIPE DOS POETAS

Isto aconteceu no tempo em que reinava em Portugal Dom João III, há-de haver uns quatrocentos anos.

Andava nos estudos, em Coimbra, um rapaz que era uma flor. Não se pode dizer que fôsse muito alto, mas tinha um corpo tão lindo e bem proporcionado que parecia mais alto do que era. Ombros largos, ancas estreitas, cheio de graça e de fôrça em todos os seus movimentos, sadio e robusto, era um regalo olhar para êle. Se era perfeito de corpo, não o era menos de rosto. Tinha os olhos bem rasgados e azuis, os cabelos ruivos e encaracolados e a barba que principiava a apontar, parecia de oiro vermelho.

Quando esta história principia, andava êle pelos seus dezóito anos. Não havia lá nos estudos em Coimbra, um doido mais bem acabado. Em partidas, brigas, aventuras perigosas e difíceis, era êle sempre o primeiro. Mas também nas escolas ninguém lhe levava a melhor; e os mestres diziam a quem os queria ouvir que a cabeça daquele maluco valia mais que as de todos os outros estudantes juntos.

Era fidalgo mas pobre e vivia com a madrastra numa casa que o pai lhe deixara e que era tudo que possuía neste mundo. O pai, capitão de uma das naus que faziam o serviço da Índia, tinha morrido no mar, levado por um temporal. A madrastra era uma boa senhora que êle muito estimava e respeitava como devia; tratava da casa e das suas devoções e tinha muita amizade ao enteado, mas não percebia o valor daquela jóia preciosa que Deus lhe dera a guardar.

Com quem o rapaz se entendia bem era com o tio, irmão do pai, superior de uma ordem de frades muito sabedores, bons e poderosos. Dom Bento Vaz de Camões era um santo e el-rei tinha-o em grande conta. Este tio é que protegia o rapaz, lhe pagava os estudos, o encaminhava em tudo com muito juízo e lhe ensinava muitas coisas que pela vida fora lhe serviram sempre.

Um dia, ia êle nos vinte anos, Dom Bento mandou-o chamar e disse-lhe assim:—Recebi uma carta do conde de Linhares pedindo-me que lhe mande um mestre para o filho mais velho que principia agora os seus estudos. Propus o teu nome e êle aceitou.

Luiz ficou atordoado e não sabia o que havia de responder. Custava-lhe a deixar Coimbra, a madrastra, a casa, os seus amigos, e aquela vida tão alegre e descuidada de estudante. Mas o tio acrescentou:

—Os teus estudos aqui estão acabados e agora tens que ir aprender o que a vida te há-de ensinar. Eu estou velho e doente e já não andarei muito tempo neste mundo. Tens de governar a tua vida e não podes começar melhor. O conde de Linhares é um fidalgo de sangue e de alma. Tem muito valor e um grande coração. El-rei estima-o muito e tem-no mandado muitas vezes ao estrangeiro como embaixador. É senhor de uma grande fortuna e vive muito na côrte. Agora principia para ti uma vida nova. Vais ver mundo. Vais aprender a ser um homem.

O coração de Luiz começou a bater-lhe mais apressado dentro do peito. Ver coisas novas, viver outra vida, aprender tanto, tanto!... Beijou as mãos

ao tio agradeceu-lhe muito e pediu-lhe a sua bênção. Depois foi a correr para casa tratar da partida.

Naquele tempo não havia combóios nem camionetas nem nenhum desses transportes que hoje há pelo mundo. Os fidalgos viajavam de coche, ou a cavalo, com mulas carregadas de baús e acompanhamentos de gente armada por causa dos ladrões. Os que não tinham coche, nem cavalos, nem mulas, iam a pé e não se ralavam nada com isso. Já se vê tóda esta gente levava muito tempo para ir de um lugar para outro. Que importava? Ninguém tinha as pressas que hoje tem; havia vagar para tudo, graças a Deus. Os conventos tinham hospedarias onde os caminhanes descansavam quanto queriam e os pobres comiam de graça. Havia aventuras pelo caminho e tudo era mais divertido do que agora.

Luiz de Camões tratou de encher o saquitel que havia de levar às costas. A madrastra arranjou-lhe um bom farnel, algum fato; e a isto acrescentou êle uns livros que o tio lhe dera e que êle estimava nem que fôssem de oiro fino. Havia poucos livros naquele tempo, mas os que havia eram bons; e quem chamasse seus a dois ou três, já ia bem servido. Aprendia-se e gosava-se mais então com dois ou três livros do que se gosa e se aprende agora com cem.

Luiz pôs o saquitel às costas, a gôrra na cabeça, afivelou o cinturão da sua espada, abraçou a madrastra e abalou, contente que nem um rato.

Teve pelo caminho várias aventuras das quais se saiu sempre bem, porque era forte, desembaraçado e não tinha mêdo de nada. Pernoitando em conventos, não perdia ocasião de conversar com os frades. Os frades de certas ordens eram as pessoas mais sábias daquele tempo, e, durante a viagem, Camões viu e aprendeu muitíssimo.

Em Santarém meteu-se num barco que ia para Lisboa carregado com pipas de vinho. Quando chegou defronte do palácio real que se chamava Paço da Ribeira e estava onde é agora o Terreiro do Paço, Luiz não se cansava de admirar o Tejo cheio de grandes naus de todos os países, e a cidade tão linda, com os seus palácios e as suas igrejas, tóda iluminada pela luz doce do pôr do sol.

O conde de Linhares tinha um lindo palácio em Xabregas. A família era numerosa e alegre. Aí começou para Camões uma vida nova. A condessa era uma senhora muito bonita e muito boa que tratava Luiz com tanta bondade e affecto como se êle fôsse seu filho. Dom António, o filho mais velho da casa, discípulo de Camões era quási uma criança ainda, mas muito inteligente e dado ao estudo e muito amigo do mestre que era para êle como um irmão. Luiz costumou-se depressa àquela vida; era tão vivo e entendia tudo tão bem que, em pouco tempo, naquelas reuniões e festas dos fidalgos onde ia sempre com os Linhares, e nos serões e festas em casa destes, começou a dar nas vistas pelas suas lindas maneiras e pela graça das suas conversas com as senhoras e pela sua perfeita cortesia com os homens.

A-pesar-dos seus poucos anos, Luiz já tinha nesse tempo escrito algumas poesias tão perfeitas e lindas, que não havia poeta que se lhe comparasse. Mas Luiz não era presunçoso; como todos os que têm verdadeiro talento, era modesto e nunca o seu grande valor lhe subiu à cabeça. Só os parvos se dão ares e importância e tratam os outros de resto quando imaginam que têm merecimento.

Camões teve uma longa temporada de verdadeira e funda felicidade naquela casa. E não perdia tempo. Nas suas horas vagas aproveitava para se aperfeiçoar no que já sabia e para aprender o que ainda ignorava. Assim se desenvolveu muito na arte de manejar armas, de montar a cavalo, e outras coisas que pertenciam à boa educação de um fidalgo daquele tempo. Passava serões e às vezes noites inteiras na biblioteca do conde de Linhares, a ler e a estudar. O conde tinha trazido das suas viagens livros muito bons. Camões, que sabia o latim, o espanhol, o italiano, lia muito e aprendeu muito.

Um dia — era sexta-feira santa —, Luiz saíu de casa para ir à igreja. Mas estavam tôdas as igrejas cheias de gente e êle queria encontrar um lugar sossegado onde fizesse em paz as suas orações. Foi andando pelas ruas até que chegou a um bairro afastado onde viu uma capelinha aberta. Entrou; só umas mulheres do povo lá estavam a rezar. Ajoelhou-se na capela-mor e começou as suas orações com muita devoção.

Dai a pouco chegaram duas senhoras que vieram também ajoelhar-se na capela-mor, defronte de Luiz. Uma era velha, e a outra nova. Que idade teria a mais nova? Talvez dezasseis anos. Delgada e esbelta, mal parecia tocar com os pés no chão quando andava. Ajoelhou-se, juntou as mãos, ergueu os olhos para o altar. Luiz de Camões nunca vira cara mais linda em dias de sua vida, nem cuidava que pudesse existir na terra beleza tão perfeita. Não eram só as feições, mas aquêlê ar de doçura angélica, de celeste alegria. Não podia Luiz tirar dela os olhos. Esqueceu tudo: o lugar onde estava, a gente à sua volta. Olhava, olhava sem fim. E ela, por fim, reparou na figura esbelta de Camões todo vestido de veludo negro, na formosura do seu rosto, naquela cabeça airosa coroada de cabelos ruivos como fogo. Chegou-se para a velha governanta que a acompanhava e perguntou-lhe se conhecia aquêlê fidalgo. A velha respondeu que não e acrescentou:

— Deus me perdõe, é lindo que nem um S. Jorge!

Os olhos da jovem fidalga encontraram-se com os de Luiz e não puderam mais apartar-se aquêles dois olhares. Para um como para outro tudo que não fôsse aquela contemplação, deixou de existir. Nada mais contava no mundo. Parecia-lhes que eram um só e que nunca mais, nunca mais se poderiam separar.

Encontrava-se a capela já quasi vazia, quando a velha governanta tocou no braço da sua companheira que voltou a si em sobressalto, como quem acorda de um sonho.

— Ó meu Deus! — suspirou ela tôda aflita.

E, baixando os olhos, saíu da capela.

Luiz ficou imóvel ainda muito tempo até que o sacristão, lhe veio dizer que eram horas de fechar a capela.

— Quem é aquela dona tão nova e tão linda que estava ali ajoelhada defronte de mim? — perguntou Luiz ao sacristão.

— É Dona Catarina de Ataíde, filha de Dom António de Lima, escudeiro-mor do infante Dom Duarte; sua mãe é Dona Maria Bocanegra, camareira-mor da rainha nossa senhora.

Assim começou aquêlê amor ardente e profundo que durou enquanto duraram as vidas de Luiz de Camões e de Dona Catarina de Ataíde.

Catarina tinha vivido até ali com uma tia, na província; e por isso Camões não a conhecia ainda. Os seus pais freqüentavam muito a casa dos condes de Linhares. Dali por diante, Luiz e Catarina encontravam-se muitas vezes e em breve confessaram um ao outro o seu amor. Mas tinham de se contentar de bem pouco. Como tôdas as meninas fidalgas daquele tempo, Catarina andava sempre muito guardada; e quando a rainha a convidou para ser sua dama de honor, tudo se tornou ainda pior, porque a rainha tinha as suas damas guardadas nem que fôsem freiras. Só em bailes e outras festas podiam os dois pobres namorados trocar algumas palavras. Luiz passava noites em claro a fazer versos ao seu amor. E que lindos e admiráveis são êsses versos! Chamava-lhe nessas poesias, Natércia que é o anagrama de Catarina (1), e, com êste disfarce dizia-lhe o seu infinito amor naqueles versos que todos podiam ler sem saber a quem dirigidos. A velha governanta de Catarina que gostava muito de Luiz e morria pela sua menina, lá conseguia de vez em quando passar algumas cartas.

Como Camões era pobre e sem futuro e orgulhoso de mais para pedir protecções e favores, os pais de Catarina, — sobretudo a mãe, Dona Maria Boca-

---

(1) Catarina — escrevia-se então: — Catherina, nome de que resultou o anagrama Natércia (na nova ortografia: — Natércia)

negra que era soberba, — queriam um casamento brilhante para a filha e viam Camões com muito maus olhos.

Camões, cheio de confiança em si como tôda a gente nova com talento, dizia consigo:

— Deixa estar que ainda hei-de crescer tanto e valer tanto que Dona Maria Bocanegra se há-de honrar de me ter por genro.

Como moço-fidalgo que era, tinha entrada no Paço. Começou a frequentar as festas reais e os saraus onde os melhores poetas iam recitar os seus versos diante de el-rei e de tôda a côrte. Em pouco tempo se espalhou a sua fama porque nenhum outro poeta fazia obra que se comparasse às suas. Camões era um génio como só aparecem muito raramente. Os mais poderosos e ricos fidalgos o convidavam e levavam às nuvens as suas poesias; a infanta Dona Maria, irmã de el-rei, pedia-lhe que viesse à Academia que ela presidia ler as suas obras. Até el-rei e a rainha o distinguiram conversando com êle e elogiando as suas poesias.

Em breve se espalhou que el-rei o ia nomear para um pôsto onde não lhe faltariam honras e proveitos; e Dona Maria Bocanegra já fechava os olhos ao namoro da filha, pensando de si para si que um homem tão apreciado na côrte viria a ser sem dúvida um personagem importante e rico. Enganava-se; um homem da qualidade de Camões, arrebatado pelo seu génio, vivendo de sonhos e cheio de dignidade, acomoda-se sempre mal com a fortuna.

Mas o próprio Camões, como era muito novo e cheio de ilusões, acreditava também na sua boa estrêla. Animado ao ver como lhe reconheciam o valor, cheio de fôrça, entusiasmado, começou a escrever então o seu imortal poema *Os Lusadas*.

Mas, juntamente com a sua fama e a sua glória na côrte, foram surgindo as invejas. Fidalgotes pobres que andavam no Paço por favor, vendo que ninguém fazia caso dêles e que tôdas as atenções se voltavam para Luiz de Camões, começaram a tecer-lhe intrigas. Descobrimdo o seu grande amor por Catarina, espalhavam ditos e invenções que podiam fazer mal ao grande poeta que detestavam. E Camões, que era arrebatado, ferido na sua fama e no seu amor começou a perder a cabeça, a-pesar dos conselhos de prudência e de juízo que lhe davam os seus verdadeiros amigos.

Havia ainda outra coisa, que ajudava ao desnorreamento de Luiz. Catarina era linda, linda... Não havia na côrte dama mais linda, mais cheia de graça, mais altamente colocada pela situação e fortuna dos pais. Os pretendentes fervilhavam à sua volta. Requebravam-se todos com ela, comparavam-na às estrêlas do céu, às deusas gregas, às Musas, aos anjos que andam em volta do trono de Nossa Senhora. E ela, muito novita ainda, muito cheia de mimo, muito segura e certa do amor de Luiz, lá respondia às vezes a um e a outro com um sorriso ou uma palavra menos arisca. Pouca coisa, porque não havia para ela outro homem no mundo senão Luiz; mas êste, exaltado, arrebatado, ciumento, endoidecia de raiva e de dor. Depois caía em si, pedia perdão à sua Natércia e faziam as pazes.

Infelizmente as coisas foram de mal a pior. Havia sobretudo lá na côrte um certo fidalgo, Gonçalo Borges, que não podia ver Camões e que diziam ser pretendente à mão de Catarina. Tanto porfiou nas suas intrigas que, acabou por fazer chegar aos ouvidos da rainha que Luiz de Camões namorava Catarina às escondidas.

Quando lhe disseram tal coisa, a rainha zangou-se muito. Que atrevimento era aquêle? Quem era Luiz de Camões para levantar os olhos para uma das suas damas? Nessa mesma noite passou por Camões sem corresponder ao seu cumprimento e logo tôda a côrte começou a tratá-lo de resto.

Por êsse tempo houve uma representação de amadores em casa de um fidalgo amigo de Camões. Este fidalgo pediu a Luiz que fizesse a apresentação da peça, como era costume.

Desesperado, vendo todos os seus sonhos perdidos, sofrendo como um danado por cuidar que Catarina já não lhe tinha amor (a pobrezinha, com

mêdo da rainha, nem se atrevia a olhar para êle) não perebendo na sua cequeira que o mal vinha todo do seu gênio arrebatado, Camões bebeu para se atordoar, antes de subir ao palco. E bebeu tanto que perdeu o resto de juízo e de prudência que ainda lhe restavam.

Atreveu-se, na sua loucura, a improvisar versos contra a rainha, o que era crime sem perdão. E nesse maldito instante de desvairamento, atirou para longe de si com tôda a felicidade da sua vida.

El-rei exilou-o para fora da côrte. Tinha que se afastar de Lisboa pelo menos doze léguas.

Camões deixou a casa do conde de Linhares onde passara os anos mais felizes da sua vida. Despediu-se com os olhos rasos de lágrimas, daquela família que êle considerava como sua e que o estimava tanto. De novo pôs o sacco às costas e lá foi de caminho para fora de Lisboa, tão pobre de dinheiro como chegara, porém mais rico de experiências e de sofrimentos. Assim foi andando até Santarém onde se deixou ficar.

Passados os primeiros dias de desalento, Camões começou a escrever aos seus amigos. Pedia-lhes que advogassem o seu caso junto de el-rei e da rainha. Mas os seus amigos nada podiam fazer. Se pedissem por êle arriscavam-se a perder as boas graças reais sem ganharem fôsse o que fôsse em favor de Luiz.

Assim se foi passando o tempo. Camões trabalhava porque os poetas verdadeiros são assim: têm que traduzir em versos as suas tristezas e as suas alegrias. Mas o dinheiro que o conde de Linhares lhe tinha dado estava quási todo gasto; e Camões via-se sem recursos. Seu tio Dom Bento morrera, e a sua madrasta vivia pobremente e não lhe podia valer.

Era então costume em Portugal comutar-se a pena de prisão ou de exílio em alguns anos de serviço militar nas colónias, porque Portugal tinha tantas possessões pelo mundo que precisava sempre de soldados para as suas guarnições.

Camões resolveu pedir a el-rei que lhe trocasse a pena de exílio por dois anos de serviço militar em Ceuta. E el-rei concedeu-lhe o que êle pedia.

Luiz tinha licença para esperar em Lisboa a partida do navio. Tanto fêz que conseguiu trocar umas cartas com Catarina às escondidas e alojou-se em casa do conde de Linhares onde encontrou a mesma amizade fiel. Assim como entristecia e se desesperava depressa, assim ganhava de novo ânimo e esperança. Quando viu que conservava o grande amor da sua Natércia e o affecto dos seus amigos verdadeiros, esqueceu as tristezas de Santarém, a má vontade da côrte e ganhou de novo confiança no futuro.

— Verás, — dizia êle ao seu antigo e querido discípulo Dom António, — verás como agora lá em Ceuta farei tais coisas e escreverei tais poemas, que el-rei e a rainha não terão outro remédio senão perdoar-me.

Embarcou contente e cheio de alegres certezas.

Ao cabo de dois anos de serviço militar em Ceuta, voltou a Lisboa. Quem poderia reconhecer naquele homem magro, escanzelado, roto, sujo, tisonado do sol e zarolho, o belo e airoso rapaz, elegante e de requintada cortesia, que recitava na côrte versos admiráveis?

Dois anos de sentinelas, rondas, guardas, serviços de lenhas e de gados, tudo sob a ameaça constante das emboscadas e das traições dos moiros, surtidas bruscas, correrias, batalhas, sem um momento de sossêgo, sem uma noite em que não houvesse alertas e surpresas. Vida rude, vida de cão, sem um conforto nem uma esperança, com a morte sempre à espreita. Os que resistiam ficavam rijos e nunca mais tinham mêdo da morte. Mas para um poeta, para um homem da sensibilidade de Camões, que tormento aquela existência grosseira de soldado rasol! Trazia o coração tão cheio de amargura que já nada lhe parecia lindo sôbre a face da terra.

— Ficou-me lá a alma, — dizia êle consigo, — sou um corpo sem alma.

Imaginava ter perdido as boas maneiras, e não ser já capaz de conversar com os seus iguais.

Não se apresentou em casa do conde de Linhares. Envergonhava-se do seu rosto desfigurado, daquele buraco na cara de onde a lançada de um moiro lhe arrancara um olho; envergonhava-se da sua miséria e do desespero e revolta do seu coração.

Andava metido pelas tabernas com gente de má fama. Bebia, jogava, embrulhava-se em desordens e rixas. Desembainhava a espada por dá cá aquela palha e não se importava de ferir. Chamavam-lhe o *Diabo sem olhos* e tinham medo d'ele porque a sua espada era certa e o seu corpo parecia de aço.

Os seus antigos inimigos, os que lhe tinham tecido as intrigas na côrte, começaram a recear pela pele e a desejar que êle fizesse alguma que de novo o afastasse de Lisboa. Fizeram-lhe chegar aos ouvidos que Catarina estava noiva de Gonçalo Borges. Era mentira. Catarina matava-se de saúdaes e não pensava senão no seu único amor. Mas Camões acreditou porque andava tão infeliz que tudo que fôsse doloroso lhe parecia certo.

No dia de Corpo de Deus havia em Lisboa uma procissão muito afamada. Fazia-se essa procissão com tal esplendor que não havia outra nação da Cristandade onde houvesse uma festa religiosa que se lhe pudesse comparar. Tôda a cidade estava enfeitada e havia alegrias e festas pelas ruas, nas igrejas, nos palácios, nas casas dos ricos e dos pobres, todo o dia e tôda a noite.

Camões andava pelas ruas, sem destino, desde pela manhã, como uma alma penada. Lembrava-se dos seus tempos felizes, dos tempos em que andava na côrte... Aquêle era um grande dia para êle e para Natércia; podiam ver-se e falar-se muitas vezes. Era a missa, depois a procissão, depois banquetes e bailes... Ai, Natércia, Natércia!... As saúdaes eram tantas e tão dolorosas com estas lembranças, que Camões, para esquecer, para se atordoar, entrava nas tabernas e bebia...

A hora da procissão esgueirou-se entre a multidão que enchia o largo defronte do Paço Real. Não se podia arrancar dali. Numa das janelas estava Catarina, pálida, emagrecida e com um ar tão triste, que cortava o coração. Camões que não tirava dela a vista, reparou que, disfarçadamente, levou o lenço aos olhos. E logo alguém veio por detrás dela, se debruçou e lhe disse algumas palavras. Esse alguém era Gonçalo Borges.

Camões fugiu dali, abrindo caminho entre a multidão, aos encontrões como um doido furioso. Parecia-lhe que o coração lhe estalava dentro do peito.

Tôda a tarde andou sem saber por onde. Ao fim da tarde, ia êle numa ruazinha estreita por detrás da igreja de S. Domingos, quando viu vir em sentido contrário um cavaleiro muito bem apamentado. Ao mesmo tempo apontavam do outro lado da rua dois cavaleiros com as caras tapadas com máscaras (naquele dia de folia, muita gente andava mascarada), e começaram a dirigir ditos de troça ao primeiro cavaleiro. Este saltou do cavalo e desembainhou a espada.

Camões conhecera pela voz os dois mascarados. Eram dois estroinas, seus companheiros de má vida. Gritou-lhes:

— Arreda! Arreda! Que tenho que ajustar contas com êste fidalgote.

— Olá! Senhor Gonçalo Borges! Que feliz encontro!

E a espada de Camões brilhou no ar como um relâmpago.

— Vamos a isto, Gonçalo Borges! Aqui não servem intrigas nem mentiras!

Começaram a esgrimir. Camões com uma espada na mão era coisa que merecia de se ver.

O barulho da briga chamara gente. A rua enchera-se de curiosos. Camões esgrimindo como um diabo parecia brincar com o outro. E não se calava:

— Não cuidavas que só com um olho eu te veria tão bem, Gonçalo Borges! Defende-te, canalha!

Alguém abalou correndo a chamar a ronda. Os dois cavaleiros mascarados tinham desaparecido.



— Falaste demais, Gonçalo Borges, — dizia Camões, — mentiste demais, desgraçado! Cobarde! Aparta lá esta por conta dos teus pecados!

Gonçalo Borges, com o pescoço atravessado pela espada de Camões, caiu lavado em sangue.

Luiz de Camões olhou à sua volta. O povo e a ronda que acabava de chegar cercavam-no por todos os lados. Encolheu os ombros e entregou a espada ao capitão da ronda, dizendo baixinho:

— Não sabia o que ia ser de mim... Agora já sei.

A masmorra onde encarceraram Luiz de Camões era como tôdas as masmorras daquele tempo. Parecia o fundo de um poço. O prisioneiro só tinha lugar para se deitar em cima de uma enxerga imunda. Faltava-lhe o ar e a luz. A comida, pouca e repugnante, era-lhe passada por um postigo. A porta nunca se abria.

Ali jazeu Camões durante nove meses, sem ter nenhuma comunicação com o resto do mundo. Pensava que os seus amigos ignoravam a sua sorte ou que o tinham esquecido ou abandonado.

Mas os seus amigos não o esqueciam. Com muito jeito e paciência tinham feito o possível para o salvar. Ao cabo dos nove meses abriu-se a porta da sua enxovia e entrou um padre. O padre viu uma sombra na qual ninguém poderia reconhecer Luiz de Camões. Tinha só a pele e os ossos. Tão fraco que nem se podia já ter de pé. Sujo, esfarrapado, coberto de bichos.

O padre disse-lhe que Gonçalo Borges tinha levado muito tempo a curar-se mas que agora estava quasi bom e ficara sem defeito. Se Luiz de Camões quisesse sair dali para fora, havia de pedir perdão a Gonçalo Borges e declarar-se culpado diante de duas testemunhas. Se fizesse isso, seria autorizado a implorar o perdão de el-rei que lho concederia com a condição de êle ir fazer três anos de serviço militar na Índia.

Quem havia de dizer que Luiz de Camões, festejado poeta da côrte de Dom João III, ou que o *Diabo sem olhos* das tabernas mal afamadas de Lisboa, aceitaria tais condições? Mas o miserável meio morto sobre a imunda enxerga da masmorra, aceitou tudo. Aceitaria até o inferno para se ver dali para fora, para respirar, para gozar da luz do sol.

Luiz de Camões saiu da masmorra a 7 de Março e, no dia 25 dêsse mesmo mês, embarcava como soldado raso no galião «S. Bento» que partia para a Índia. Durante aquêles dezóito dias esteve mais uma vez hospedado em casa do Conde de Linhares. A condessa tratou-o como a um filho querido. Luiz era robusto e sadio; de modo que com tantos cuidados e boa alimentação, em breve recuperou saúde e fôrça. Com uma parte do sôlido que recebeu adiantado (como era costume para os soldados se vestirem e armarem convenientemente antes da partida) Luiz comprou fato decente e boas armas. Então animou-se, ajudado pela condessa de Linhares, a ver Catarina, às escondidas, antes de embarcar.

Foi um encontro tão doce e tão triste que ambos o guardaram na memória e no coração até à morte, como um tesouro. E Camões partiu levando a consoladora certeza do grande e fiel amor da sua Natércia.

— Esperarei por ti até à morte, — disse-lhe ela.

E Luiz animado por estas palavras, sentiu renascer-lhe no peito uma grande esperança, e respondeu:

— Voltarei, voltarei, minha Natércia, e voltarei digno de ti!

Muitas das mais belas poesias de Camões foram escritas durante a primeira parte daquela longa viagem. E os *Lusiadas* nos quais trabalhara tanto, cresceram em tamanho e sublime beleza naquele galião que o levava para outro mundo. Era a mesma viagem que fizera Vasco da Gama e que, nos *Lusiadas*, Camões descreve com tanta perfeição. Durante seis meses sobre o mar teve êle tempo e ocasião de criar o gigante Adamastor e tôdas as lindas figuras

mitológicas que povoam o seu poema imortal. Mas a Índia que Luiz de Camões encontrou era já muito diferente da que Vasco da Gama descobrira.

Os cais da cidade de Goa cobriam-se de povo à chegada da armada do Reino. Esperava-se aquêlê dia ansiosamente durante meses e meses. A armada do Reino trazia notícias das famílias, dos amigos, da Pátria, da Europa, aos portugueses da Índia. Trazia também julgamentos de processos, recompensas, castigos, nomeações, e às vezes um novo Governador ou Vice-rei.

As ruas de Goa fervilhavam de gente. Os que lá viviam misturavam-se com os que acabavam de desembarcar, dirigindo-lhes mil perguntas, contando-lhes os costumes da terra, fazendo-lhes partidas e brincadeiras.

Camões andava por ali com uns e com outros e não se fartava de ver todo aquêlê povo. Parecia-lhe assistir à mascarada mais extraordinária e vistosa que jamais vira na sua vida. Portugueses, indianos, árabes, persas, judeus, abexins, malaioes, chineses, armênios, cada qual com os seus vestuários e costumes diferentes. Eram os fidalgos portugueses com todo o seu luxo e grandes acompanhamentos de pagens e guardas, oficiais da casa do Vice-rei, funcionários, capitães, marinheiros e soldados. E frades franciscanos com os seus hábitos de burel, e frades dominicanos vestidos de branco, e jesuítas com seus fatos negros, e tôda a chusma dos escravos, e mercadores de países diferentes, e vendedores da terra com as suas mercadorias, mistura de côres, de línguas, de costumes, um nunca acabar de coisas estranhas, novas, nunca vistas.

Havia apenas cinqüenta e cinco anos que Vasco da Gama descobrira a Índia e ali estava feito e poderoso, o grande império português do Oriente. Cidades, cidadelas, fortalezas, feitorias, tudo encimado pela bandeira real portuguesa, surgiam por tôda a parte, até ao fim do mundo. Milhões de indígenas tinham abraçado a religião de Cristo. Grandes estaleiros construíam sem cessar grandes e valentes naus e as nossas armadas, senhoras dos mares, singravam-nos em tôdas as direcções comerciando com tôdas as nações do Oriente. Nenhum outro país da Europa tinha licença de lá navegar.

Goa, que pouco mais era do que uma aldeia quando Afonso de Albuquerque a tinha conquistado, possuía agora mais de seis mil casas bem construídas, igrejas, sumptuosos palácios, conventos, muralhas formidáveis com suas tôrres e seu forte castelo, e para cima de duzentos mil habitantes. Dos seus célebres estaleiros saíam armadas que iam por aquêles mares, muito longe, negociar e dar caça aos piratas turcos e de outros países.

Camões ao considerar tôdas estas coisas enchia-se de orgulho. Que grande povo era o povo português!

Logo no dia da sua chegada a Goa, Luiz encontrou um rapaz fidalgo, seu amigo de outros tempos e que, pela sua má cabeça, ali viera parar como soldado raso. Este amigo levou-o para sua casa. Ali viviam uns dez soldados que se entendiam bem, todos novos, todos de boas famílias, todos malucos e alegres. Servia-os uma velha escrava. Era assim o costume. Os soldados, apenas desembarcavam não eram obrigados a nenhum serviço. Recebiam um pequeno sôlido e governavam-se conforme podiam. Não viviam mal porque a vida lá era muito barata. Quando havia expedições — e havia muitas —, os capitães escolhiam os soldados que queriam levar, e êsses eram bem pagos. Assim, ora uns ora outros, eram chamados.

Dêste modo viveu Luiz de Camões na Índia durante muitos anos. Muitas vezes era chamado e partia nas expedições, porque era um valente e todos os capitães sabiam o que êle valia. Mas ficava-lhe muito tempo livre e ia trabalhando nos *Lusíadas* e em sonetos e noutras poesias lindas que nos deixou. A vida não era má. Fazia muito calor e tudo era fácil porque havia abundância de tudo. Nos intervalos entre as expedições guerreiras, tôda aquela gente se entregava à preguiça e aos divertimentos. Divertimentos não faltavam. Até os havia demais; no gôzo dêles, os portugueses amoleciam e perdiam naquele clima tão suave, a sua energia e virtudes antigas. Já nesse tempo a dura glória do tempo de Dom Francisco de Almeida e de Afonso de Albuquerque, principiava a esmorecer.

Mas Camões que nos seus *Lusiadas*, cantava e exaltava os grandes feitos dos portugueses antigos, agora, ali na Índia, vendo que eles já não eram o que tinham sido, começou a entristecer, a sofrer muito e a perder de novo a esperança. Porque os portugueses tinham perdido muito da sua generosidade, do seu desprendimento, do seu puro heroísmo e amor da Pátria. Muitos só pensavam em arrebatar dinheiro. Valentes eram, mas punham a sua valentia ao serviço da sua cobiça. Quando um povo começa a pensar mais no dinheiro do que nos sentimentos nobres da sua alma, está perdido.

A tristeza de Camões era tamanha que acabou por se revoltar. Não resistiu à tentação de escrever versos de troça muito cruel a castigar aquela gente que vivia mal. Os versos eram muito bons, como tudo que êle escrevia; começaram logo a espalhar-se e a criar fama. Não se falava de outra coisa. Alguns fidalgos, a-pesar-de Camões não nomear pessoas, encaixaram a carapuça e, achando-se ofendidos, desafiaram o poeta.

Luiz ficou radiante.

— Até que enfim! — disse êle. — Até que enfim me poderei regalar de os castigar à ponta da espada!

E castigou. Não se brincava com Luiz de Camões. Daí por diante, raro era o dia em que êle se não batia. E pouco a pouco recomeçou em Goa a sua vida do *Diabo* de Lisboa. Aventuras, duelos, rixas, desordens, loucuras.

O vice-rei, que era então um fidalgo chamado Francisco Barreto, querendo afastar de Goa aquêlê doido que lhe dava tanto que fazer, resolveu mandá-lo para longe. Nomeou-o *procurador dos defuntos e ausentes* em Macau. Camões aceitou com alegria. Estava farto de Goa. Apetecia-lhe ver outra terra, outra gente.

Mas êsse emprêgo só estava vago daí a dois anos. Camões, aproveitando uma armada que partia, embarcou para Malaca e as Molucas onde esperava poder ganhar a sua vida durante os dois anos de espera, guerreando no mar contra os piratas que infestavam aquelas paragens.

Malaca! Outra grande e rica cidade portuguesa que causou assombro a Camões. Era muito grande o movimento do pôrto. Acudiam mercadorias preciosas de tôda a parte, de várias regiões da Índia, da Arábia, da Pérsia, de Java, da China, do Japão... Ao abrigo da valente fortaleza construída por Afonso de Albuquerque, erguiam-se lindas casas; havia quatro grandes conventos e catorze igrejas e um belo colégio de jesuítas com a sua universidade. O que os portugueses tinham feito em tão pouco tempo! O comércio era tanto que ali quem tivesse jeito para negociar, podia ganhar muito dinheiro em pouco tempo. Mas Camões não queria saber de negócios. Só fazia bem duas coisas: versos e guerra. Nessas duas coisas ninguém lhe levava a melhor; mas fora disso, nada.

Durante muitos e longos meses andou embarcadô. Vida áspera, sem conforto nem descanso. Terríveis batalhas, abordagens sem misericórdia, temporais, epidemias a bordo... Onde o perigo era maior encontrava-se sempre Luiz de Camões; de tal maneira que os seus companheiros, pasmados do que o viam fazer, diziam que êle andava a namorar a morte. Mas um dia, numa abordagem foi gravemente ferido por um pirata turco que o atacou pelas costas.

Desembarcaram-no na ilha portuguesa de Banda onde ficou muito tempo e onde escreveu os seus versos mais tristes e desesperados. O ferimento que recebera foi difícil de curar, e ficou tão fraco e doente que levou muitos meses a convalescer.

Apenas se pôde mexer, Camões partiu para Malaca. Os dois anos estavam passados e chegara o momento de êle ir tomar conta do seu emprêgo em Macau. Embarcou no galião chamado *da prata e da seda* que ia, de dois em dois anos, de Goa à China e ao Japão.

Quando Camões chegou a Macau, esta cidade só pertencia aos portugueses havia dois anos. A terra era maninha, o clima péssimo, o mar cheio de ciclones e de piratas. Vivia-se lá pobremente, tristemente, e sem nenhuma segurança. Macau não era então mais do que uma pequena e miserável povoação.

ção; e bem longe estava aquela mão cheia de portugueses que lá assistiam, de adivinhar o que Macau viria a ser mais tarde: uma linda cidade de mais de sessenta mil habitantes, com seus belos edifícios, conventos, igrejas e grande comércio.

Camões pouco ou nada tinha que fazer; ia aproveitando o tempo para adiantar os *Lusiadas*. Acrescentava-lhe partes novas e aperfeiçoava as antigas; e o poema crescia em beleza e esplendor.

Inventou-se uma história a respeito da estada de Camões em Macau: que vivia e trabalhava numa gruta sôbre o mar e que tinha um escravo Jau que nunca o largou depois até à morte. Mas tudo isso são mentiras. Camões mal tinha para comer, quanto mais para sustentar um escravo e pagar-lhe passagens a bordo. A tal gruta de Macau não podia servir de habitação a ninguém; pode ser que Camões lá fôsse às vezes de passeio para meditar e fazer versos, mais nada. Vivia em Macau numa das casitas pobres onde viviam os portugueses e que, muitas vezes eles faziam com umas tábuas, por suas próprias mãos.

Ali assistiu Luiz de Camões durante mais dois anos. Vida calma, sem batalhas, vida de trabalho, incerta e escassa; tempo talvez feliz para êle, longe de intrigas e brigas, longe de invejas e injustiças; tempo de repouso no meio das tempestades constantes da sua vida. O ordenado que recebia, a-pesar-de pequeno, era superior aos seus gastos; de modo que, pela primeira vez, pôde ir juntando algum dinheirinho. Ao ver crescer estas magras economias, Luiz recomeçou a ganhar ânimo e esperança de poder daí a algum tempo juntar bastante para pagar a sua viagem de volta para Lisboa e de tornar a ver a sua Natércia.

Mas Camões não tinha nascido para funcionário público. Passava os dias agarrado aos *Lusiadas*; vivia só para a sua grande obra. É provável que esquecesse um pouco aquêle seu emprêgo maçador de cuidar das heranças e espólios dos portugueses que morriam ou se ausentavam; caso é que, ao cabo de dois anos, chegou a Macau um galião cujo capitão prendeu Camões pela culpa de ter faltado aos seus deveres de funcionário.

-- Que fiz eu de mal? -- perguntava Luiz.

Mas ninguém lhe sabia responder. Talvez não tivesse feito mal nenhum; talvez fôsse intriga de alguém lá de Goa que cobiçava o seu emprêgo, porque isso são patifarias que se fazem em todos os tempos.

E lá foi Camões outra vez embarcado a caminho de Goa. Mas o capitão era boa pessoa e gostava dêle; deixava-o andar à solta pelo navio como qualquer outro passageiro. E foi durante essa viagem que êle sofreu o mais terrível desgosto de tôda a sua atormentada vida. Alguém a bordo lhe disse que Catarina de Ataíde tinha morrido.

Caíu Camões num fundo desespêro. Durante dias ninguém o viu. Não comia nem dormia e chegaram a imaginar que a razão lhe fugira. Depois foi serenando, resignando-se à crueldade do seu destino. E aquela tamanha dor que o matava deu nascimento ao mais maravilhoso soneto que jamais brotou do coração dilacerado de um poeta:

*Alma minha gentil, que te partiste  
Tão cedo desta vida descontente,  
Repousa lá no Céu eternamente,  
E viva eu cá na terra sempre triste.*

*Se lá no assento etéreo onde subiste,  
Memória desta vida se consente,  
Não te esqueças daquele amor ardente  
Que já nos olhos meus tão puro viste.*

*E, se vires que pode merecer-te  
Alguma coisa a dor que me ficou  
Da mágoa, sem remédio, de perder-te,*

*Roga a Deus que teus anos encurtou,  
Que tão cedo de cá me leve a ver-te  
Quão cedo de meus olhos te levou.*

Estando Camões assim mergulhado naquela tristeza sem consolação, levantou-se um grande temporal. As ondas eram tão altas e furiosas que tocavam nas nuvens, os clamores do mar e do vento enchiam o ar de mistura com os gritos da gente a bordo que clamava:

— Senhor Deus! Misericórdia! Misericórdia!

No meio d'êste inferno, ouviu-se um estampido medonho; o galião *da prata e da seda*, carregado de riquezas, dera contra um rochedo e abria-se, e a água inundava-o, e as ondas como fúrias, espatifavam-no todo contra os recifes da costa.

Camões só pensou numa coisa: salvar os *Lusiadas*. Agarrando no manuscrito precioso, atirou-se à água. Escapou à morte por milagre de Deus, porque daquele naufrágio, ninguém mais escapou. Erguendo os *Lusiadas* acima das ondas, nadando só com um braço, ali andou à mercê do temporal até que, exausto, Nossa Senhora teve dó d'êle e mandou às ondas que o arremessassem à praia.

Ficou sem sentidos sôbre uma rocha, com o seu tesouro apertado contra o peito, até que uns pescadores budistas o encontraram e, com muita caridade o levaram, o trataram e lhe deram abrigo e sustento durante muitos meses.

Isto foi na foz do rio Mecom, na Indochina. Ali Camões levou vida de pescador com aquela boa gente até que um dia pôde embarcar num navio de mercadores que, por caridade também, o levaram até Malaca.

Desembarcou Camões em Malaca mais pobre do que o mais pobre mendigo. O dinheiro das suas economias de Macau, perdera-o no naufrágio. Só tinha de seu os farrapos que mal lhe cobriam o corpo.

Sentou-se numa pedra ali mesmo no cais, a cismar no que havia de fazer. Pensava:

— Viver para quê, agora que Natércia deixou de existir na terra? Que me importa a vida e o mundo, sem Natércia?

Baixou o olhar para o manuscrito dos *Lusiadas* que poisara no chão ao seu lado, encolheu os ombros e murmurou:

— Para quê? Valerá a pena?

Nisto alguém lhe tocou no ombro e, erguendo-se de um salto, cheio de surpresa, deu com um antigo condiscípulo dos tempos de Coimbra que o conhecera a-pesar-dos andrajos que o cobriam.

Esse amigo era agora capitão de uma nau que ali estava no pôrto pronta a partir para Goa. Vestiu-o, deu-lhe de comer, levou-o consigo a bordo.

Durante essa viagem, Camões isolou-se, não falou com ninguém. Fechava-se em si mesmo, considerando a sua vida decorrida até ali, recapitulando tudo que passara. Todos aquêles que amara, tinham desaparecido: a madrastra, o tio Dom Bento, o seu querido discípulo Dom António, Natércia... Parecia-lhe que tudo que havia de bom e de lindo sôbre a face da terra fôra varrido, fôra apagado como um sonho. E a pouco e pouco, do próprio abismo da sua saúde e do seu desespero, começou a subir uma certeza clara, luminosa como o nascer de um novo dia. Tôda a sua alma se voltou para Deus, entendendo enfim que esta vida é uma passagem apenas, curta e insignificante, para a verdadeira vida da eternidade. E daí por diante, nas suas poesias tão belas, encontra-se sempre êste pensamento.

Havia quatro anos que Luiz de Camões partira de Goa. Foi lá encontrar agora um novo Governador, o conde de Redondo, que era um antigo amigo seu.

Foi julgado e absolvido. Acusavam-no de negligência nas suas funções e o juiz entendeu, e com razão, que tudo quanto Camões sofrera durante a viagem, o naufrágio e a miséria com os pescadores, fôra castigo suficiente.

O conde de Redondo empregou-o no palácio em trabalhos de cópias e escriturações que lhe davam o suficiente para viver. E assim se foi agüentando, em paz, sossegado, quebrado, mas não infeliz porque tinha os *Lusiadas* e outras poesias às quais ia dando o melhor de si mesmo.

Porém o destino nunca deixava durar muito a paz na vida de Camões. O conde de Redondo morreu de repente e, depois da sua morte, Camões ainda ficou na Índia três anos. De que vivia? Talvez de algumas economias que fizera, talvez do que alguns amigos lhe davam. Era preciso tão pouco, naquele tempo em Goa, para não se morrer de fome!

No coração de Luiz de Camões dois grandes e ardentes amores existiram sempre enquanto êle existiu: Catarina de Ataíde e a Pátria. Agora Catarina já abalara da terra e pedia a Deus por êle lá no Céu. Ficara a Pátria; a Pátria que êle, lá na Índia, vira tão doente, tão enfraquecida. Mas... quem sabe? Notícias de Lisboa chegadas recentemente, falavam de Dom Sebastião, o rei novo que acabava de subir ao trono. Era um rapaz que parecia inspirado por Deus.

Uma grande esperança começou a crescer no coração de Camões: Dom Sebastião salvaria a Pátria. Dia e noite Luiz trabalha nos *Lusiadas* onde glorifica apaixonadamente o rei novo. E agora só tinha uma idea na cabeça, um desejo no coração: voltar a Portugal, ver o renascimento da Pátria.

Camões tinha então quarenta e três anos mas a sua natureza era tão sãdia e rija que nem os maus climas, nem os sofrimentos, canseiras e lutas da sua atormentada vida, tinham conseguido envelhecê-lo ou enfraquecê-lo. Na sua alma ardente, os entusiasmos e o ânimo eram os mesmos dos vinte anos. O que tinha aprendido era a fé na justiça de Deus, que às vezes é tão difícil de entender.

Camões aspira a levar os *Lusiadas* a el-rei Dom Sebastião, a oferecer-lhe a grande obra da sua vida. Mas era muito mais fácil ir de Lisboa para a Índia do que voltar de lá para Lisboa; e Camões, sempre pobre, não podia pagar a sua viagem de regresso. Por fim um capitão seu amigo lá o levou de graça na sua nau até Moçambique. Porém aquela nau não passava além de Moçambique e Camões ali ficou à espera de outro barco onde pudesse embarcar sem pagar. Esperou dois anos; e foi uma triste vida a sua durante êsse tempo naquele país desolado onde as febres matavam tantos portugueses ou os deixavam doentes para o resto da vida. Ia vivendo às sopas de uns e de outros, como um pedinte que era, até que afinal uma armada do Reino, de volta da Índia, tocou em Moçambique. Nela vinha um cronista do Reino, chamado Diogo do Couto que conhecia Camões e sabia o que êle valia como poeta. Vendo-o em tal estado de miséria, conseguiu que alguns outros companheiros de viagem se cotizassem para acudir àquela grande desgraça. Assim juntaram bastante dinheiro para vestirem Camões e lhe pagaram a viagem de volta a Lisboa naquela armada.

Aqui acabam as aventuras de Luiz de Camões no Ultramar. Havia de-zassete anos que partira de Lisboa para a Índia.

O que êle passou em Portugal e como acabou a sua vida, fica para ser contado no próximo livro.

**A SEGUIR:**

**HISTÓRIA DO REI ENCOBERTO**



*Virgínia de Castro e Almeida escreveu;  
Pamela Boden ilustrou;  
O S. P. N. mandou dar à estampa.*

**S. P. N.**